

## Uso da charge na Revista Oeste como reflexo das notícias

### *The use of cartoons in the magazine Oeste as a reflection of the news*

Iuri Neves AMORIM<sup>1</sup>

#### Resumo

Ao longo dos anos, as narrativas em quadrinhos no jornalismo foram utilizadas como forma de crítica e sátira por meio do entretenimento, abordando temas da atualidade nos periódicos. Entretanto, nas últimas décadas, muitos jornais brasileiros passaram a reduzir o caráter informativo desse recurso, utilizando-o sobretudo como entretenimento. Este artigo analisa como a teoria presente nas notícias influencia o editorial das charges da Revista Oeste, que se propõe a utilizar esse recurso como prática jornalística. Para isso, foram analisadas notícias e charges publicadas entre 25 de maio e 9 de junho de 2023, por meio da semiótica peirceana. O estudo atualiza pesquisa publicada no livro *De Olho na Notícia* (2023)<sup>2</sup>, com ajustes na tricotomia semiótica e inclusão de novos objetos de análise de 2025. Os resultados indicam a presença de legisignos na construção do discurso das charges da Revista Oeste.

**Palavras-chave:** Charges. Teoria da Ação Política. Semiótica.

#### Abstract

Over the years, comic strips in journalism have been used as a form of criticism and satire through entertainment, addressing current issues in periodicals. However, in recent decades, many Brazilian newspapers have reduced the informative character of this resource, using it primarily for entertainment. This article analyzes how the theory present in news stories influences the editorial content of the cartoons in Revista Oeste, which aims to use this resource as a journalistic practice. To this end, news articles and cartoons published between May 25 and June 9, 2023, were analyzed using Peircean semiotics. The study updates research published in the book *De Olho na Notícia* (2023), with adjustments to the semiotic trichotomy and the inclusion of new objects of analysis from 2025. The results indicate the presence of legisigns in the construction of the discourse of the cartoons in Revista Oeste.

**Keywords:** Cartoons. Theory of Political Action. Semiotics.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ/UFPB). E-mail: iuriamorim42@gmail.com

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.riaeditorial.com/livro/de-olho-na-noticia>

## Introdução

Inerente à percepção humana, a ilustração age não somente como projeção da perspectiva, mas também como uma maneira de contar algo, e até estabelecer uma narrativa. A ilustração, por ser de caráter imagético (primariamente), deve ser dotada de símbolos para serem interpretados, símbolos esses que muitas vezes são alheios à ideia inicial da imagem em si. Um exemplo clássico da representação das imagens que percorre a história da humanidade é a arte sacra da igreja católica, presente desde monumentos históricos maiores como a Capela Sistina, como até igrejas mais simples que fazem alegoria as 14 etapas da paixão de Cristo em suas paredes.

Com o passar das décadas, principalmente em meados dos anos 50, acontece a ascensão da *pop art*, e assim a ilustração torna-se um artifício do campo da publicidade dando potencialidade aos quadrinhos. Contudo, a história em quadrinhos surge muito tempo antes, no início do século XX com a criação da HQ *Yellow Kid*, publicada nos jornais de William Randolph Hearst. Ou seja, a linguagem em quadrinhos e a ilustração no geral estavam sempre ligadas ao fazer jornalístico, como uma forma de implementar o produto final da comunicação, e trazer uma certa multimídiaidade nos periódicos impressos.

No Brasil, as publicações em quadrinhos que repercutiram de forma considerável foram publicadas no semanário “O Pasquim”<sup>3</sup>, disponíveis para acesso na internet, servem como documentação histórica contendo trabalhos de vários ilustradores. Porém, no contexto da atualidade, vários portais de notícias que ainda possuem uma aba para charges, tirinhas e tudo relacionado a linguagem em quadrinhos; acabaram deixando a ligação do conteúdo imagético com as editorias do jornal, e usando as ilustrações somente como uma forma de entretenimento dentro das editorias. Um exemplo disso é o jornal Estadão, com uma aba intitulada “Charges e Caricaturas”<sup>4</sup>, que possui tirinhas e charges de cunho político, mas também algumas artes as quais contemplam somente o aspecto de entretenimento. Ou seja: Essa parte do jornal acaba por se tornar uma galeria de desenhos, fugindo da proposta inicial.

No caso da Revista Oeste, jornal com uma proposta de defesa ao capitalismo e do

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/resistencia-cultural/caricatura>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://fotos.estadao.com.br/galerias/acervo,charges-e-caricaturas-no-estadao,24366>

livre mercado, há uma aba de Charges promovidas pelo ilustrador Schmock. Nela, existem Charges que fazem parte diretamente de uma das editorias do jornal, a editoria política. Este artigo tem o objetivo de analisar como as teorias por trás da notícia e da ilustração, influenciam nas charges da revista Oeste, e como esse elo entre o jornalismo e a arte coexistem e se complementam. Uma versão anterior do artigo foi publicada no ano de 2023 no livro “De olho na notícia”. Agora a proposta é seguinte: Alguns objetos de pesquisa foram analisados novamente dentro da tricotomia proposta por Peirce (2005), e foram adicionadas mais duas charges do ano de 2025 com o intuito de reavaliar, atualizar, corrigir e até mesmo comprovar os conceitos discutidos a partir de uma óptica mais aprofundada do que na versão anterior.

### **Teorias em torno das notícias e das imagens no jornalismo**

Quando se estuda as charges jornalísticas, principalmente num caso atípico como o da Revista Oeste (que inclui a charge na editoria do jornal), é necessário entender as premissas em torno da elaboração das notícias. Um aspecto importante de se avaliar, principalmente se tratando de um veículo de imprensa que parte de uma condição voltada as questões de direita, é aquilo proposto por Traquina (2004) definido como teoria da ação política:

Assim, nas teorias de ação política, os meios noticiosos são vistos de uma forma instrumentalista, isto é servem objetivamente certos interesses políticos: Na versão de esquerda, os *media* noticiosos são vistos como instrumentos que ajudam a manter o sistema capitalista; na versão de direita, servem como instrumentos que põe em causa o capitalismo. seja de esquerda ou de direita, estas teorias defendem a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos que utilizam as notícias na projeção de sua visão do mundo, da sociedade etc. (Traquina, 2004, p. 163).

Nelson Traquina ainda destaca que a perspectiva de direita da ação política parte de um pressuposto mais específico:

Na versão de direita, defendida nos estudos de Kristol (1975) e Efron (1971), o argumento é que os *media* norte-americanos, particularmente as grandes cadeias de televisão, fazem parte de uma “nova classe” de burocratas intelectuais que têm interesse em expandir a atividade reguladora do Estado à custa das empresas privadas. Esta “nova classe” utiliza os *media* na propagação de suas opiniões anti-capitalistas. (Traquina, 2004, p. 163).

Ou seja: A disposição das notícias na Revista Oeste, seguirão um paradigma diferente, já que a perspectiva de direita parte do pressuposto que maior parte da classe jornalística é anti-capitalista. Por isso, será comum que as notícias sempre dialoguem com essa perspectiva, trazendo uma compleição de “nova contracultura” para com outros veículos de imprensa, e isso interfere em todas as editorias do jornal. Além desse fator, outro ponto de destaque levantado por Traquina, dessa vez em seu livro que discute sobre a comunidade interpretativa transacional, são os valores notícia, os seus fatores determinantes.

Para o Wolf, os valores notícias de seleção referem-se aos critérios que os jornalistas utilizam na seleção dos acontecimentos, isto é, a decisão de escolher um acontecimento como candidato à sua transformação e notícias e esquecer o outro acontecimento. Os valores-notícia estão divididos em dois subgrupos: a) os critérios substantivos que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos de sua importância ou interesse como notícia, e b) os critérios contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia. (Traquina, 2005, p. 78).

É importante lembrar que esses valores acompanham o fazer jornalístico independente de outras teorias, e que estão enraizados no próprio ato de “fabricação” das notícias, independente do viés. Ademais, os valores-notícias segundo Traquina, tem sua importância consolidada pois são os fios condutores desse meio da atividade jornalística quando classificados como valores-notícia de construção. “Os valores-notícia de construção são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas guias para apresentação do material, sugerindo que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia”. (Traquina, 2005, p.78). É considerável relembrar que no contexto do presente artigo, as Charges jornalísticas do veículo analisado, tem a proposta de participarem do fazer das notícias, pois dividem a editoria de política com as matérias do site, sendo parte do fazer jornalístico e compartilhando as mesmas teorias.

Após estabelecer esses conceitos, deve-se levar em conta um valor-notícia em especial

Outro valor-notícia de seleção neste subgrupo de critérios contextuais é a visualidade, isto é, se há elementos visuais como fotografias ou filme. Em particular, no jornalismo televisivo, este valor-notícia é um fator de noticiabilidade fundamental. Há imagens ou não? Qual é a qualidade dessas imagens? A existência de boas imagens, de “bom” material

visual, pode ser determinante na seleção desse acontecimento como notícia. (Traquina, 2005, p. 88).

Apesar de Traquina focar na importância da imagem para o jornalismo televisivo, pode-se levar em conta os mesmos conceitos para a ilustração em si no jornalismo em suas diversas áreas. Prova disso, é que a discussão sobre a imagem aparece novamente em argumentações estabelecidas por outros autores (e dessa vez em específico, já direcionando ao campo da ilustração), como o exemplo de Catalá (2006), quando discute sobre a imagem e a representação da complexidade. Ele menciona que a relação da imagem com o texto, ficou confinada ao campo da ilustração desde a invenção da imprensa. Para ele, a vasta quantidade de imagens que não podiam ser relacionadas com as artes tradicionais (arquitetura, escultura, pintura, fotografia e filme) sempre foram consideradas ilustrações, e quando alguma das imagens pertencentes às artes tornaram-se propriedade do texto, também são uma ilustração.

A partir desse momento, é notória uma fagulha que revela o elo das notícias com a representação imagética, e como elas se complementam quando coexistem no mesmo contexto da comunicação e do fazer jornalístico. E essa fagulha é algo que torna-se muito maior quando outros autores levam a discussão sobre a imagem, precisamente a ilustração, a um patamar maior dentro da comunicação. Beltrão (1992), em seu estudo sobre a iniciação da filosofia no jornalismo, revela a importância do jornalismo que acontece através das imagens:

Embora podendo adotar legendas escritas ou textos falados para melhor compreensão do público, o jornalismo pela imagem tem no desenho, na fotografia ou na apresentação direta dos acontecimentos os seus principais meios de expressão. Do ponto de vista psicológico, a imagem oferece mais possibilidades de fixação do que a própria testemunha direta do fato, que pode ser incompleta quer quanto ao ângulo do observador quer pelas falhas da atenção em pessoa não experimentada. A imagem jornalística, procura dar uma visão sintética completa do acontecimento, sendo imediatamente compreendida pelo espectador sem apêlo à sua inteligência ou à sua imaginação e independente do grau de cultura que detenha idioma que fale. Na atualidade, o jornalismo pela imagem manifesta-se através do desenho, da fotografia, do cinema e da televisão. (Beltrão, 1992, p. 41).

Consequente, pode-se dizer que com base nos autores e suas teorias propostas, a elaboração das notícias e das Charges na Revista Oeste interligadas como produtos jornalísticos, se propõe em cima dos seguintes critérios: a) Precedentes relativos ao viés do veículo, b) Valores-notícia, c) expressão final através da imagem. O processo se inicia

com as intenções por trás do veículo no quesito noticioso (que obviamente também aparecerão na produção das charges), continua com uma espécie de “filtro” imposto pelos valores-notícia, para enfim chegarem ao conteúdo imagético (ilustração) que complementa a própria notícia e apresenta resultados dela.

Contudo, ainda existe uma questão a ser resolvida: A partir de que teorias, estudos ou autores; esse elo interpretado e criado pelo leitor acontecerá? Para entender essa discussão, cabe agora propor um método de interpretação da Charge dentro da comunicação.

### **Charges no jornalismo: uma leitura simbólica da ilustração.**

A concepção de um atributo imagético como complemento da informação, parte de um princípio muito discutido, e que antecede até mesmo a própria imagem. A classificação segundo o Ethos clássico, proposto por Aristóteles, reúne um conjunto de comportamentos, maneiras e características de um aspecto coletivo. Maingueneau (2015), em sua análise ao Ethos de Aristóteles, especificamente da retórica, diz:

Escrevendo sua Retórica, Aristóteles pretendia apresentar uma *technè* cujo objetivo não é examinar o que é persuasivo para tal ou qual indivíduo, mas para tal ou qual tipo de indivíduos (1356b: 32-33 – cito a edição de M. Dufour). A prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão pela forma como se constrói o discurso, a dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança. O destinatário deve, então, atribuir certas propriedades à instância que é posta como fonte do acontecimento enunciativo. (Maingueneau, 2015, p. 13).

Se partimos do pressuposto que a função da imagem é, segundo o próprio conceito da retórica, causar boa impressão e convencer o indivíduo, podemos enxergar um caminho para desvendar a função da ilustração dentro do jornalismo. Para Flôres (2002) a charge é definida como ilustração de quadro único, que revela a caracterização de personagens, ambientes, objetos e situações; onde as circunstâncias por escrito se integram para que gere entendimento ao leitor através dessa integração. Por conseguinte, a autora faz menção ao que foi dito por Humberto Eco, propondo que o objeto e o desenho desse mesmo objeto vão significar algo a partir de uma base anterior proposta culturalmente. Além disso, seguindo a linha de pensamento de Eco, Flôres concluiu: “Adiantamos, além disso, que signos icônicos são culturalmente codificados, sem

implicar com isso que são arbitrariamente correlatos a seu conteúdo nem que sua expressão possa ser analisada de maneira discreta” (Flôres, 2002, p. 24).

Seguido disso, e justificando o grau de importância do signo, analisar a imagem e o texto em sua completude dentro da Charge deve ser o fator primordial nessa associação da imagem com alguma interpretação do leitor. Por isso, é justo voltar ao paradigma original dos signos criado por Peirce (2005) dentro da semiótica. O autor, propõe que a leitura de qualquer objeto comunicativo (no caso do nosso estudo, uma ilustração) é composta de três etapas: Signo ou *representatem*, que é algo que representa alguma coisa para alguém; interpretante, que é aquilo que o indivíduo cria em sua mente a partir da sua concepção do signo; e o objeto, descrito como a causa determinante, aquilo que de fato é e como se manifesta. Para o próprio Peirce, os signos são divididos em 3 tipos: O ícone, o qual representará pura e simplesmente a ideia daquela imagem; o índice, responsável por sugerir algum evento a partir da ideia proposta; e o símbolo, que a ideia de sua forma final não terá quase nenhuma relação com a ideia da figura inicial, trazendo assim outro significado a ela.

### **Análise da simbiose entre as notícias e as charges da Revista Oeste**

Essa pesquisa tem o objetivo de identificar a possível relação entre as notícias da Revista Oeste, e as Charges publicadas na editoria de política do jornal. Para isso, foi feito um recorte no período de 25 de maio de 2023, até 09 de junho do mesmo ano. Após esse recorte, as Charges foram submetidas a análise semiótica, para tentar identificar sua possível relação com as notícias. O presente artigo, foi feito para uma publicação do livro “De olho na notícia”<sup>5</sup>, na edição editorial de 2023. Contudo, depois de um aprofundamento sobre a semiótica, foi realizado um estudo sobre as outras vertentes do signo (tricotomia), que não haviam no estudo inicial, mas que são uma adição fundamental. Para atualizar o contexto e comprovar o que fora discutido, foram adicionadas também duas charges do ano de 2025, buscando trazer também atualidade à pesquisa. A proposta dessa reestruturação do artigo é mostrar que a representação triádica é a completude do signo em uma análise, e talvez indispensável. Para exemplificar essa

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.riaeditorial.com/livro/de-olho-na-noticia>

relação triádica, foi elaborada uma tabela que exemplifica e esquematiza como funciona essa análise:

Quadro 1 - Classificação da semiótica segundo a tricotomia de Peirce

Descrição	1°	2°	3°
Representamen (representação do signo, representação por si mesmo).	Ícone: O signo que terá uma relação de semelhança com o objeto propriamente dito (por exemplo, o fogo)	Índice: Aquilo que fará alusão ao objeto, em estado de proximidade (por exemplo, a fumaça que o fogo gera)	Símbolo: Vai ter relação com o objeto por convenção, mas sem necessariamente ter semelhança com ele (por exemplo, uma letra da língua japonesa que signifique “fogo”).
Objeto (Representação concreta e abstrata).	Qualisigno: Signo que possuirá uma manifestação ou qualidade sensível. (por exemplo, uma cor),	Sinsigno: Signo que se conecta concretamente com o objeto, possui existência real (por exemplo, uma marca de pincel em uma parede pintada)	Legisigno: Um signo que rege um código ou regra, uma espécie de lei (por exemplo, a cor vermelha no sinal de trânsito significa “pare”).
Interpretante (Interpretação do signo de acordo com cada indivíduo)	Rema: O signo que indica uma possibilidade (por exemplo, um adjetivo).	Dicente: Signo que faz uma afirmação sobre algo (por exemplo, uma frase declarativa).	Argumento: Signo que segue uma espécie de lógica. (Por exemplo, a frase “Todos os agricultores trabalham ao raiar do dia. Paulo é um agricultor. Logo, Paulo trabalha no raiar do dia).

Fonte: Baseada em Peirce (2005)

Figura 1 – Charge publicada na Revista Oeste no dia 25 de maio sobre o G7 de 2023.



Fonte: Revista Oeste<sup>6</sup>

Na Charge da Figura 1, quando submetida a análise semiótica de Peirce, encontramos como ícones as bandeiras, representando cada uma das nações. No segundo aspecto, identificamos um legisigno, pois temos a bandeira Brasil representada menor do que as outras. O tamanho é o código que relaciona a algo de inferior, e a nossa percepção nos guia a uma representação (grau de secundariedade do signo) que irá derivar a abstração de algo. Associado ao texto verbal também presente na Charge, é possível identificar, por parte do leitor, que o possível estado de “pequenez” da bandeira do Brasil, está relacionada ao evento do G7 ocorrido em 2023. Todavia, a carga simbólica da imagem só é perceptível quando o recorte de notícias publicadas na mesma data que a Charge é colocado em comparação.

Nesse mesmo período, a Revista Oeste Publicou matérias com os títulos “Lula ignora os convites de Biden e Zelensky no G7”<sup>7</sup>, do dia 20 de maio; e “Lula é excluído dos agradecimentos de Zelensky”<sup>8</sup>. As notícias relatam a participação do presidente do Brasil no G7, e suas ações na conferência desfavoráveis a Ucrânia, a qual resiste a invasão da Rússia desde 20 de fevereiro de 2022. A partir da leitura dessas matérias, é possível identificar o último aspecto do signo semiótico na Charge, o símbolo: A imagem da Figura 1 como um todo, simboliza uma diminuição do Brasil, uma visão internacional negativa por parte dos outros países a partir do discurso do então presidente Luís Inácio Lula da Silva. Ou seja: A carga simbólica, como terceiro aspecto de completude do signo,

<sup>6</sup> Disponível em: <https://revistaoeste.com/politica/charge-da-semana-41>

<sup>7</sup> Disponível em: <https://revistaoeste.com/mundo/lula-ignora-convites-de-biden-e-zelensky-no-g7/>

<sup>8</sup> Disponível em: <https://revistaoeste.com/mundo/lula-e-excluido-de-agradecimentos-de-zelensky/>

só pode ser identificada com facilidade a partir do momento em que a Charge é colocada em ligação com as notícias do mesmo período no recorte.

Figura 2 – Charge do presidente Vladimir Putin usando Lula como boneco de ventríloquo



Fonte: Revista Oeste<sup>9</sup>

Na figura 2, a Charge apresenta ícones diversos, as ferramentas de ventríloquo que segura o presidente Lula, o copo de bebida em sua mão, as gravatas coloridas dos dois presidentes, e etc. Numa primeira análise, conseguimos identificar a presença de uma “legisigno”, que de certa forma protagoniza o sentido da charge. A presença do legisigno se dá por parte da ferramenta de ventríloquo, pois ela acontece como indicativo de “controle”, a ferramenta rege essa espécie de regra de sentido na nossa percepção. Além disso, outro legisigno seria o copo na mão do atual presidente do Brasil, que gera uma interpretação de “embriaguez”, comumente associada ao mesmo pelos membros da direita como uma forma de satirizá-lo. A palavra “Balulaika”, a qual mistura o nome do presidente Lula, com o de um instrumento típico Russo, denotando um sentido de “dança” ou gracejo para a situação, novamente apresentando sátira. Contudo, o fenômeno semiótico por si só não atinge sua completude, sabemos que há uma crítica da Charge ao Luís Inácio Lula da Silva em seu posicionamento a Vladimir Putin, mas não se sabe o contexto exato do momento atual. Esse aspecto por si só não tira o sentido da charge, mas acaba prejudicando sua interpretação como uma forma de avaliação de contexto (principalmente para quem visualiza a charge após o período de 2023). Somente quando analisamos o recorte de notícias da Revista Oeste no mesmo período de publicação da

<sup>9</sup> Disponível em: <https://revistaoste.com/politica/charge-da-semana-42/>

Charge, é que entendemos o terceiro e último fato do signo. Numa notícia publicada em 21 de maio (5 dias antes da elaboração da Charge na figura 2), intitulada “*New York Times* chama Lula de aliado da Rússia”, discutia-se justamente a posição de Lula de “aliado da Rússia”, ao fugir das aproximações com Zelensky, presidente da Ucrânia.

Figura 3- Charge com o então presidente Lula fazendo uma refeição.



Fonte: Revista Oeste<sup>10</sup>

Na figura 3, os ícones são diversos, porém fácil de serem identificados: A carne no prato e no garfo, os vegetais e o queijo. Novamente, vemos o uso da cachaca como legisigno (como vimos na figura 2, ela é um elemento que o artista costuma usar para satirizar o então presidente). O uso recorrente desse legisigno passa uma imagem e reforça o posicionamento político da Revista, que de certa forma busca criar um personagem em torno do atual presidente da república. A um discurso sendo montado que atravessa as charges, e podemos ver que num recorte mais recluso, como o desse artigo, o uso do legisigno através das ilustrações mostra-se cada vez mais evidente como construção da mensagem não só das charges, mas do portal inteiro de notícias. Com relação ao símbolo, o leitor num primeiro momento pode achar que o contexto geral da Charge tenha haver com as afirmações de Lula no período de campanha para a para a presidência em 2022, sobre o Agro ser fascista<sup>11</sup>. Contudo, quando paramos para associar as notícias do período na Revista Oeste, encontramos uma matéria publicada no mesmo dia que a

<sup>10</sup> Disponível em: <https://revistaouest.com/politica/charge-da-semana-44/>

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/9hmwwuX-GTc>

Charge referente a Figura 3, intitulada “Entidades do Agro e da indústria se revoltam com ‘ato violento’ de invasores”<sup>12</sup>. A matéria discute os atos violentos dos invasores de terras que feriram 3 policiais com arma, gerando uma reunião dos produtores do Agronegócio para mostrarem repúdio aos atos de violência”. Com isso, percebemos que a compreensão simbólica da ilustração da figura 3 entra em um contexto muito mais avançado: O contexto de publicação da Charge insinua uma certa contrariedade na acusação de fascismo por parte do agronegócio, o qual repudia casos de violência como o referido na matéria, e que por fim produz aquilo que vem à mesa do então presidente.

Figura 4 - Charge da Revista Oeste fazendo alusão aos líderes mundiais jogando Curling



Fonte: Revista Oeste<sup>13</sup>

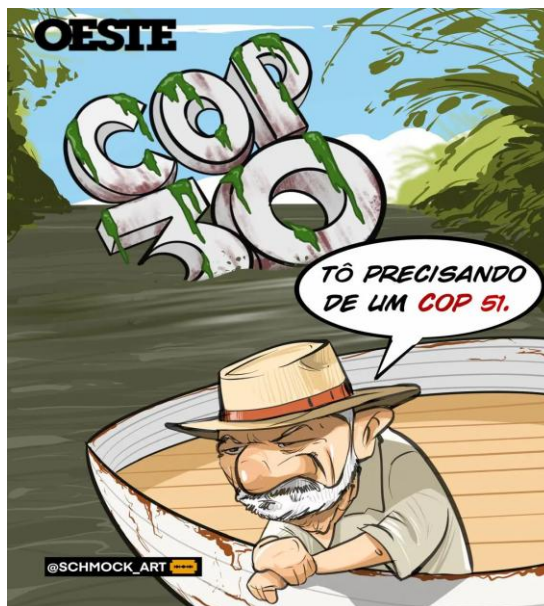
Partindo para o recorte mais atual, que se refere ao contexto de republicação desse artigo, percebemos nessa charge do ano de 2025, mais um uso do legisigno: As vassouras utilizadas pelos personagens, assim como no esporte do *curling*, não tocam a bomba (que seria a pedra de *curling*, no esporte original), mas que de certa forma influenciam sua trajetória. A um discurso implícito nessa charge em específico que faz parte da teoria da ação política, onde o ilustrador implica que os líderes mundiais citados influenciam os conflitos da Palestina. Há, claro, o uso dos símbolos (signo em seu grau de primeiridade)

<sup>12</sup> Disponível em: <https://revistaouest.com/agronegocio/entidades-ato-violento-invasores/>

<sup>13</sup> Disponível em: <https://revistaouest.com/mundo/charge-da-semana-151/>

que seriam as bandeiras dos países, e que ajudam a montar o sentido da sátira. Porém, novamente o legisigno protagoniza a interpretação do que foi ilustrado.

Figura 5 - Charge que mostra o presidente Lula em um ambiente pantanoso.



Fonte: Revista Oeste<sup>14</sup>

Na Charge da figura 5, já num contexto mais atual do ano de 2025, temos a presença de um mesmo discurso identificado nas produções que ocorreram no ano de 2023: A sátira com a questão da bebida alcoólica do presidente da república. O diferencial, nesse caso, é que há o uso do texto verbal no balão de fala através do índice e os símbolos (as próprias palavras) para construírem o sentido. A questão é: Há uma continuidade da mensagem em que as charges querem passar sobre a imagem do presidente que vem sendo construída desde os objetos analisados do ano de 2023 até 2025. A teoria da ação política se faz presente nesse contexto não só isoladamente em cada publicação, mas sim na continuidade delas, numa espécie de hipertextualidade que a própria Revista Oeste tenta criar com suas charges.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://revistaoeste.com/politica/charge-da-semana-154/>

## Conclusão

O presente artigo concluiu, a partir de um breve recorte, que a relação entre as notícias e a Revista Oeste e as Charges não só existem, mas que elas se complementam entre si, principalmente em sua análise semiótica. Na atualização dos conceitos, feita no ano de 2026, percebe-se uma forte influência por parte do legisigno, o qual torna-se não só uma ferramenta de representação (grau de secundariedade do signo) mas também uma ferramenta de construção do discurso da própria revista. Além disso, os objetos analisados que pertencem ao ano de 2025 também dão continuidade e apresentam os mesmos aspectos do que os que foram analisados na versão anterior, comprovando que existe de fato uma tentativa de elaboração de discurso através dos signos.

Na pesquisa, também foi possível comprovar, a partir do vínculo das Charges com as notícias, uma forte presença da teoria ação política proposta por Traquina (2004) na elaboração do conteúdo ilustrativo, e que se encaixa como reforço daquela mensagem que a notícia impõe no primeiro momento.

A partir da pesquisa, também foi possível perceber que a ligação das notícias com a charge jornalística, é importante para estabelecer o contexto correto (caso do símbolo na figura 3), e fazer com que a compreensão da mensagem na ocasião dos fatos seja compreendida com cada vez mais precisão pela charge e o conteúdo jornalístico como um todo.

Neste artigo, o método de análise das Charges foi precedido por um fenômeno das notícias, catalisado por valores e teorias de como elas agem. Por isso, a análise não busca representar um veredito ou unanimidade na análise das imagens, mas sim uma linha teórica lógica que possa ser aplicada, tornando o fenômeno da análise dos signos, (principalmente relativo aos símbolos) menos subjetivo e mais claro aos leitores.

Vale lembrar que a leitura semiótica, apesar de ter seu nível de abstração, é um estudo que vem sendo desenvolvido a muito tempo e que converge com as teorias visuais. Segundo Joly (2007), em seu estudo da análise da imagem, a semiótica está ligada com as raízes do ocidente, e que os antepassados remetem a antiguidade grega clássica, relativos à filosofia e linguagem. Além disso, a autora destaca o principal ponto dessa abordagem “Com efeito, a abordagem analítica que aqui propomos depende de um certo número de opções: a primeira é abordar a imagem sob o ponto de vista da significação, e não da emoção ou do prazer estético, por exemplo” (Joly, 2007, p. 30).

O presente estudo compõe um recorte breve da editoria de política da Revista Oeste, com suas notícias e suas Charges. Na nova publicação, do ano de 2026, foram feitas algumas atualizações que eram necessárias, e que só foram possíveis após o estudo e análise aprofundada da semiótica ao longo do Programa de Pós Graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A atualização dos conceitos é importante em tópicos específicos: O estudo da semiótica em si, a questão da construção do discurso dentro das notícias (que pode vir a gerar um estudo futuro, que envolva a análise do discurso propriamente dita), e o uso da ilustração como essa ferramenta de extensão da notícia.

### Referências

- BARROS, Diana. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.
- BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1992.
- CATALÁ, Josep M. **La imagen y la representación de la complejidad**. 2006.  
Disponível em: [http://www.mmur.net/teenchannel/era\\_digital/ponencias/j-catala.htm](http://www.mmur.net/teenchannel/era_digital/ponencias/j-catala.htm).  
Acesso em: 13 jul. 2023.
- FLÔRES, Onici. **A leitura da charge**. Canoas: ULBRA, 2002.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 11. ed. Campinas: Papirus, 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). **Ethos discursivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- TRAQUINA, Nelson. **Teoria do jornalismo II: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.